

Processos de sistematização de experiências: caminhos metodológicos para a compreensão e construção da comunicação para os bem-viveres¹

Juliana Salles de SOUZA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo geral de descrever diálogos existentes entre a metodologia da sistematização de experiências, descrita pelo educador popular e sociólogo Oscar Jara-Holliday (2012; 2015; 2019) e a perspectiva do bem-viver, frequentemente vinculada a comunidades indígenas da América Latina, com foco específico na comunicação. O tema contribui para a compreensão dos percursos teóricos e metodológicos da pesquisa *com* organizações sociais na América Latina, em especial movimentos sociais e coletivos. O texto apresenta os significados, percursos e desafios da sistematização de experiências, relaciona-a com a comunicação para o bem-viver e, por fim, apresenta, por meio de procedimentos descritivos, um estudo de caso sobre a Escola de Sistematização de Experiências Vivas.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina; bem-viver; comunicação; diálogo; sistematização de experiências

SISTEMATIZAR EXPERIÊNCIAS: METODOLOGIA LATINO-AMERICANA PARA CONSTRUIR CONHECIMENTOS COM COLETIVOS E MOVIMENTOS SOCIAIS

Vinculada de forma explícita à educação popular latino-americana, a primeira experiência com a sistematização de experiências surgiu no âmbito de um evento sobre serviço social no Brasil (JARA HOLLIDAY, 2015) entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970. Um texto precursor nesse sentido é o de Ana María Quiroga e Leila Lima, intitulado “Sistematización de las prácticas como fuente de teoría” (Sistematização das práticas como fonte de teoria), chamou a atenção para que não se menosprezasse o conhecimento vindo das ações políticas de movimentos. Nesse contexto, tornou-se cada vez mais necessário conhecer avanços, retrocessos e saberes inerentes às práticas dos movimentos sociais:

¹ Trabalho apresentado no GP Pensamento Comunicacional e Cultural Latino-Americano, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP), linha de pesquisa Comunicação e Cultura. Mestre em Ciências pelo PROLAM-USP, linha de pesquisa Comunicação e Cultura, com a dissertação “Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín”. E-mail: julianasalles@usp.br.

Experiências significativas como a dos Sem Terra no Brasil, as Comunidades em Resistência da Guatemala, o Movimento Indígena Zapatista em Chiapas, são uma clara amostra das potencialidades que se encontram na prática social de nosso continente, cujos ensinamentos urgem processar e partilhar. (JARA HOLLIDAY, 1998a, p. 3, tradução nossa)

A sistematização de experiências é definida em artigos científicos a partir de investigações sobre, com e a partir de diferentes movimentos sociais. Em uma pesquisa sobre mobilizações por uma cultura de paz cuja iniciativa veio da Academia, Lyda Constanza Pulido-Muñoz (2018) define o processo de sistematizar como uma produção coletiva de sentidos a partir de experiências inéditas as quais conduzem à auto-compreensão e transformação. João Colares da Mota e Danilo Streck (2019) contribuem com o tema ao afirmarem que a metodologia é uma forma de interface entre pesquisa, formação e avaliação/ação, é vista como uma forma de “ultrapassar a neutralidade valorativa e o descompromisso com a transformação social típicas das ciências positivistas” (MOTA; STRECK, 2019, p. 219). Trata-se também de uma produção de conhecimento situada, que reconhece uma pluriversidade de saberes não-eurocêntricos (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019).

A ligação entre o processo e a educação popular evidencia-se nos escritos de Mauricio Mendes Belmonte e Luiz Gonçalves Júnior (2018), Maíra Carvalho de Moraes (2018), Lizbeth López-Bolaños, Marisol Campos Rivera e Maria Ángeles Villanueva-Borbolla (2018), Nicolás Martínez-Gómez (2019), Iv-n Figueroa Taucán (2020) e Jane Paiva, Sérgio Haddad e Leôncio José Gomes Soares (2019). Para os últimos autores, é necessário “valorizar o significado da sistematização de experiências dos movimentos sociais pela educação popular” (PAIVA; HADDAD; SOARES, 2019, p. 1). A IAP precursora por Orlando Fals Borda também é mencionada como base para a realização de uma sistematização de experiências que coloca em diálogo as experiências de movimentos sociais e a participação de atores sociais acadêmicos (VILLA-HOLGUIN, 2019). Desse modo, observa-se que a escolha por pesquisadores latino-americanos tem a intencionalidade de compreender melhor a realidade regional dos movimentos sociais (MORAES, 2018).

Com base em L. Ruiz (2001 *apud* VILLA-HOLGUIN, 2019, p. 551), Edison Villa-Holguin relembra diferentes tipos de sistematizações de experiência: como recuperação da experiência na prática; como produção de conhecimentos; como forma de empoderar sujeitos sociais por trás das práticas; e sistematização como investigação

social. Por vezes, os modelos misturam-se na prática da sistematização no contexto de movimentos sociais.

Investigações realizadas por meio de sistematização de experiências podem envolver diferentes atores sociais. Artigos mais recentes sobre a metodologia relatam estratégias que envolvem, por exemplo, universidades e membros de movimentos sociais. No relato de Camila Giugliani et al. (2020), fala-se sobre potencialidades e desafios de uma pesquisa-ação precursionada pelo Movimento pela Saúde dos Povos (MSP). A partir do projeto “Engajamento da Sociedade Civil para Saúde para Todos”, desenvolvido em uma escola estadual de Porto Alegre (RS), no Brasil, utilizou-se a sistematização de experiências para verificar as aprendizagens construídas durante o processo. No caso da prática do *fútbol callejero* (futebol de rua) em São Carlos (SP, Brasil), também se observou uma parceria entre o movimento social de metalúrgicos e o Centro de Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL), vinculado à Universidade Federal de São Paulo (UFSCAR). Aliás, o *fútbol callejero* surge como mobilização social nas periferias da região metropolitana de Buenos Aires (Argentina) como prática vinculada ao Sul, que busca criticar o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, bem como construir pilares como respeito, cooperação e solidariedade na prática esportiva (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018).

Na visão de Jara Holliday (2012), são características da sistematização de experiências a produção de conhecimentos a partir de vivências, com vistas a transcendê-las, valorização de saberes, aprendizados a partir das cotidianidades, contribuições para identificar tensões entre projetos e processos, identificação e formulação de lições aprendidas, fortalecimento de capacidades individuais e grupais, produção de materiais com potencial de utilidade para outros coletivos, movimentos e organizações, bem como protagonismo das pessoas que vivenciaram a experiência em processo de objetivação. Nesse sentido, só é possível sistematizar uma experiência quando o sujeito a vivenciou (cf. SOUZA, 2019).

Em tal cenário, a sistematização de experiências tem potencial de valorizar iniciativas de pessoas e grupos envolvidos em processos educacionais, reforçar a imaginação criadora e a capacidade de propostas, ampliar a capacidade de gestão de processos e projetos, assim como o reforço de processos de articulações e alianças. Por conta de tal perfil, a sistematização de experiências contribui para uma compreensão mais profunda das experiências, com vistas a melhorá-las, para reflexões teóricas a partir da

prática, compartilhamento de aprendizados, retroalimentação de orientações e diretrizes de projetos e fortalecimento de identidades coletivas (cf. SOUZA, 2019). Nesse processo, com base em Paulo Freire, faz-se necessário refletir também sobre para quê, para quem, a favor de que, a favor de quem, contra quê e contra quem conhecer (JARA HOLLIDAY, 2019). Esse cenário deve ser reforçado ainda pelo fato de que, na atualidade, há movimentos sociais que investigam cientificamente (TORRES CARRILLO, 2019).

A sistematização de experiências tem origens fenomenológicas (PULIDO-MUÑOZ, 2018) e tem a premissa de investigar com os outros (BELMONTE; GONÇALES JÚNIOR, 2018). Por sua vez, Villa-Holguín (2019) destaca a importância do tripé registro, reflexão e intercâmbio de saberes e considera do encontro humano como fenomenológico. Para o autor, sistematizar significa desvelar jogos de sentido entre o dito e o não-dito.

Martínez-Gómez (2019) aponta que existem várias maneiras de se operacionalizar metodologicamente a sistematização de experiências, o que varia de acordo com cada movimento e conjuntura a trabalhar. Por conta de tal flexibilidade, inclusive, o autor defende a sistematização como modalidade investigativa relevante para a pesquisa acadêmica. Os passos a serem seguidos variam e podem ser mais ou menos completos. Maíra de Carvalho Moraes (2018), por exemplo, baseou-se em Oscar Jara Holliday para descrever cinco etapas: (1) o ponto de partida - ação que se pretende investigar; (2) as perguntas iniciais sobre a ação; (3) a recuperação do processo vivido; (4) a reflexão de fundo; (5) o ponto de chegada (MORAES, 2018). De forma semelhante, também é possível organizar o processo em: viver a experiência; seleção de um eixo, objeto, objetivo; reconstrução histórica da experiência; análise e interpretação crítica da experiência, aprendizagens obtidas e propostas geradas; e comunicação de aprendizagens (LÓPEZ-BOLAÑOS; CAMPOS-RIVERA; VILLANUEVA-BORBOLLA, 2018). Recomenda-se que o ponto de partida seja realizado por meio de uma discussão inicial coletiva e de um desenho global da proposta de sistematização, com definição de objetivos, critérios e finalidades do processo, bem como eixos de investigação (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019). Deve-se criar condições e formar uma equipe investigadora (PULIDO-MUÑOZ, 2018). Na análise e interpretação conjunta da experiência, é preciso haver uma apropriação crítica e analítica da experiência pelos protagonistas dela, afinal “neste momento, dá-se uma reflexão crítica da experiência desde o passado, para planejar linhas de trabalho em direção ao futuro que aproveitem as

aprendizagens derivadas do processo de sistematização” (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019, p. 6, tradução nossa). Além disso, é primordial que essa etapa seja precedida pela ordenação e classificação da informação obtida (PULIDO-MUÑOZ, 2018). A pedagogia das perguntas teorizada e praticada por Paulo Freire faz parte da sistematização. Outra herança freireana vem do livro *Cartas a Guiné-Bissau: é necessário saber o que, como, para que, a favor de que, contra que e contra quem conhecer* (FREIRE, 2011).

Na perspectiva da Escola de Sistematização de Experiências Vivas, é possível que haja complexificações e adequações da metodologia da sistematização de acordo com a realidade de cada coletivo e/ou organização. No livro *Metodologías para la Sistematización de Experiencias*, são compilados os seguintes passos:

Construir definições inéditas, a partir do contexto do grupo, sobre a sistematização de experiências; Tomar uma decisão política e coletiva de fazer uma sistematização; Desenhar o processo tendo em mente a circularidade dos fenômenos sociais; Analisar o contexto social e político em que a experiência está imersa; Valorizar os saberes prévios de quem participa de um processo de sistematização; Definir os objetivos da sistematização; Delimitar a experiência; Definir eixos de sistematização; Identificar outras perguntas que se pretende responder; Descrever uma rota a percorrer, com os nomes dos atores importantes do processo, fases ou momentos do processo, como fazer para recuperar os registros e analisá-los criticamente, situações importantes para aprofundar, bem como recursos como orçamento, materiais, espaços, tempos e cronograma; Organizar politicamente o arquivo do coletivo ou movimento; Vincular a produção de narrativas e linguagens à sistematização de experiências; Ordenar e analisar a informação, pensando a partir de qual lugar se faz a análise, reconhecimento da informação, classificação a partir de categorias, construção de mapas conceituais e interpretação de dados; Interpretação crítica da experiência; Formulação de aprendizagens para revitalizar, transformar e fortalecer a experiência; Gerar processos para apropriação e democratização dos conhecimentos construídos. (SOUZA, 2021, p. 23-24)

Além disso, a metodologia da sistematização de experiências tem relações próximas com o diálogo de saberes em comunicação, definido como espaço “de encontros e reconhecimentos na diversidade, que privilegia relações do tipo horizontal, ao mesmo tempo que valoriza os dissensos e as tensões que põem à prova a criatividade dos participantes para construir propostas inéditas” (ACOSTA VALENCIA; TAPIAS HERNÁNDEZ, 2016, p. 41-42, tradução nossa). Nesse processo, há a desierarquização na relação academia-movimentos sociais e academia-coletivos, focada na inconclusão ontológica do ser humano e fundamentada em encontros, reconhecimento do outro, criação de vínculos, respeito ao dissenso, com dimensões políticas, epistêmicas, intersubjetivas e estéticas baseadas no pensamento colonial.

SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E BEM-VIVERES

Antes de se conceituar a comunicação para o bem-viver, conceito que ainda se encontra em construção, faz-se necessário compreender o conceito de bem-viver (*sumak kawsay*, na língua *kíchwa*). A junção entre o advérbio e o verbo em questão significam a recuperação da cosmovisão de povos e nacionalidades ancestrais, significando o “o centro das propostas para combater o modelo de civilização ocidental capitalista de morte” (ESPINOSA MIÑOSO; GÓMEZ COREAL; OCHOA MUÑOZ, 2014, p. 387, tradução nossa). Uma das palavras-chave relacionadas ao bem-viver é a harmonia – consigo mesmo, com os outros seres humanos e com a natureza (afinal, há o deslocamento do antropocentrismo o qual permite perceber a Terra como sujeita e objeto de cuidado, de acordo com Natalia Quiroga Díaz (2014)). Não se trata da negação das opressões e desigualdades, mas sim buscar a constante descolonização, situação reforçada pelo questionamento ao conceito eurocêntrico de bem-estar (ACOSTA, 2016). Nesse sentido, Alberto Acosta (2016) defende o bem-viver como reencontro da economia com a natureza e alternativa a ideias desenvolvimentistas. Trata-se também de uma proposta teórico-prática para uma transformação econômica e social, visando à vida digna. Nesse contexto, para Arturo Escobar (2014), bem-viver é um projeto de vida vinculado ao território, por conta disso, envolve as dimensões de sustentabilidade do habitat, autossustento, bem-estar, conhecimento, multiatividade, além da organização e solidariedade. Ademais, valorizar a coletividade é uma das características do bem-viver.

Nesse contexto, a comunicação para o bem-viver é entendida por Alejandro Barranquero-Carretero e Chiara Sáez-Baeza (2015) como forma de escapar do instrumentalismo, de buscar a descolonização epistemológica, embasar uma nova cultura de sustentabilidade, bem como de desaceleração, complexificação de visões sociais e ainda de questionar os históricos de padrão desigual nas trocas entre Norte e Sul. Ademais, considera-se que a concepção em construção da comunicação para o bem-viver também é fundamental para que haja menos rótulos e adjetivos à comunicação e ainda seja possível focar em uma maneira dialógica e não-antropocêntrica de se comunicar. Nesse contexto, Leonardo Jiménez-García, pesquisador sobre o tema que concedeu uma entrevista à autora deste artigo em 2018, explica por qual razão acredita que a noção de comunicação para o bem-viver é mais pertinente do que diversos rótulos, em especial da comunicação para a mobilização e mudança social:

Creo que la noción de la comunicación para el cambio social también está en crisis, pues yo, yo, Leo, no hablo por *Ciudad Comuna*, yo, está en crisis sobre todo porque la noción de cambio social se volvió a enfatizar en el concepto de desarrollo, entonces lo primero que tenemos que cuestionar es: de que cambio social estamos hablando? Entonces, comunicación para generar cambio social, pero no si tiene a fondo cual cambio social. (...) Y lo que significa esa noción de comunicación para el buen vivir? Eso que comunicamos tiene que transmitir el mensaje que quiere reconstituir la relación con el todo: con la memoria, con las otras especies vivas, con el respecto con nosotros mismos, defender derechos que ya no son los derechos de la modernidad sino lo que llama derechos naturalistas y que nos corresponden por sermos seres vivos: el agua, el territorio, abandonar la noción de desarrollo, podemos hablar que desarrollo es un fracaso, entonces volvemos a hablar que es bienestar para un ser humano? Alimentarte bien, tener acceso a la cultura, construir escenarios de aprendizaje colaborativo, vivir en comunidad, la noción de comunidad es muy general en sistema capitalista, a mi parece que en la noción de buen vivir es donde está todo lo que hacemos *Ciudad Comuna*, porque nosotros planteamos una relación con el entorno, en respecto de la vida, la construcción de la memoria, la identidad, el sentido comunitario no es un estado, sino es la comunidad, cierto? (JIMÉNEZ-GARCÍA, 2018)³

No campo da comunicação-educação (C-E), em especial na terceira geração que começa a se configurar no início do século XXI e ainda está em processo de construção, também há diálogo com o bem-viver. O bem-viver, a consciência ambiental e a valorização das culturas ancestrais passam a mediar as relações entre comunicação e educação. Com inspirações em autores como Paulo Freire e Mário Kaplún, tal reconfiguração perpassa a noção de popular-alternativo e tem como bases a subalternidade, o protagonismo do povo, a defesa da vida, a comunicação do comum e a comunalidade, valor integrante do conceito de bem-viver. A terceira geração do C-E faz referência a

Um território de múltiplas escalas e dimensões em que convivem e interatuam conflitivamente saberes, práticas e formas de construir socialidade, jogos de sentido coletivo, projetos e intencionalidades que buscam gerar modelos de vida humana boa e digna (MORA; MUÑOZ, 2016 *apud* AMADOR; MUÑOZ GONZÁLEZ, 2018, tradução nossa)

A opção por utilizar bem-viveres decorre do fato de que cada território pode ter uma forma diferente de denominar princípios do bem-viver. Nos territórios do Pacífico afrocolombiano, por exemplo, utiliza-se frequentemente a denominação “viver sabroso” (viver saboroso), popularizada nas eleições presidenciais de 2022 da Colômbia por conta

³ Entrevista concedida para a autora do artigo em 2018, no marco da pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado “Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín” (2019).

da vice-presidente eleita, Francia Márquez. O termo foi definido pela Rede de Ação Frente ao Extrativismo como:

É estar em comum unidade com o rio, a montanha e o mar. É sentir as outras vidas como parte de nossa vida. É semear e comer o que é colhido. É compartilhar o que se sente, as músicas e recordações, as alegrias e tristezas. É harmonia, melodia e ritmo com a natureza. É viver com menos coisas materiais e intercambiar as essenciais (AGUDELO LÓPEZ et al., 2020b, p. 31)

Dentro desse contexto, Ángela Garcés-Montoya analisa a comunicação e suas intersecções entre territórios e bem-viveres e, desse modo, menciona que o saber comunicar-se envolve saber escutar, sonhar, viver em harmonia e compartilhar (AGUDELO LÓPEZ et al., 2020b). É nessa chave que os trabalhos da Escola de Sistematização de Experiências Vivas, localizada em Medellín, vêm sendo desenvolvidos.

UMA ESCOLA, MUITAS SISTEMATIZAÇÕES: UM CASO COLOMBIANO

Em 2017, o Centro de Estudios com Poblaciones, Movilizaciones y Territorios⁴ da Universidade Autônoma Latino-americana (POMOTE-UNAULA), em conjunto com a organização do Mestrado em Educação e Direitos Humanos na mesma instituição, ambos situados em Medellín (Colômbia), criaram um projeto para uma formação focada na pesquisa e sistematização de conhecimentos locais. Com base nos princípios da educação popular freireana, foram convidadas 30 instituições, de natureza comunitária, educativa e cultural, dos departamentos de Antioquia e Boyacá, em uma iniciativa hoje nomeada como Escuela de Sistematización de Experiencias Vivas (Escola de Sistematização de Experiências Vivas). Como resultados iniciais, foram realizados dois processos em 2019. Em ambos, o objetivo geral foi:

(...) conseguir com que as organizações participantes se apropriem de elementos teóricos e metodológicos que, fundamentados no pensamento crítico, na educação popular, e na investigação colaborativa, potencializem o diálogo de saberes em prol da sistematização de experiências de mobilização social pela memória, paz e pelo bem-viver nos territórios (EXPERIENCIAS VIVAS, 2019, online, tradução nossa)

⁴ Em português: Centro de Estudos com Populações, Mobilizações e Territórios.

Nos anos posteriores, mesmo com o início da pandemia de coronavírus em 2020, o projeto foi expandido e passou a envolver também coletivos e organizações dos departamentos de Cundinamarca (onde está localizada a capital da Colômbia, Bogotá) e Tolima. Em cinco anos, 80 organizações participaram de processos da escola, que incluem formações para organizações sociais na chave do diálogo de saberes e focadas na sistematização e cursos e oficinas para educadores (as), que funcionam como multiplicadores da metodologia nos territórios. Além disso, a comunicação de aprendizagens também é uma preocupação constante da escola e acontece por meio da divulgação virtual de materiais sobre sistematização (e-books, vídeos, relatórios, revistas e afins) e da Rede de Experiências Vivas, que busca incentivar e fomentar o diálogo de saberes entre organizações sociais participantes da escola. É nesse contexto que a escola declara que

Conscientes da importância de fazer possível o diálogo de saberes em todos os âmbitos envolvidos no projeto da Escola Experiências Vivas (educação, sistematização de experiências, experimentação metodológica, produção e divulgação de conhecimentos), acredita-se na Escola de Sistematização de Experiências como um projeto político e epistêmico que reflete criticamente sobre a realidade, traz intencionalidade à prática e a recria na busca pela emancipação social. Trata-se de um projeto que combina a leitura permanente dos contextos, a produção de saberes e subjetividades políticas, com o desenho e implementação de práticas para a mobilização social e a transformação. Uma concepção que toma distância abertamente da sistematização entendida como ação instrumental de organização de informação, a consultoria externa para a rendição de informes ou a investigação academicista sem participação das comunidades e enfatiza o empoderamento social e político que conseguem as coletividades quando recuperam seus saberes para a compreensão da realidade e de seu fazer como compromisso ético-político frente à realidade. Esta forma de entender a sistematização se materializou em uma estrutura que harmonizava em cada encontro a reflexão sociopolítica com a problematização das práticas e o debate teórico, procurando que as organizações consigam visibilizar a importância do seu fazer em contextos e tempos históricos situados, potenciando sua ação transformativa no território (POMOTE, 2021, p. 13)

Nesse processo formativo, de acordo com Leonardo Jiménez-García, em entrevista para a autora publicada na revista *Central Periférica*, as Epistemologias do Sul e o pensamento latino-americano são destacados, por meio de uma proposta decolonial. Nas palavras do entrevistado:

Uma das maiores dificuldades que as organizações e movimentos sociais têm é que são muito ativistas, passam muito tempo na agenda pública, nas atividades comunitárias, mas não dedicavam nada de tempo para recorrer o conhecimento de suas próprias experiências (...) [Além disso,] O projeto é uma forma para que a metodologia possa sobreviver, pois, assim como há experiências da natureza em vias de extinção, o que está em risco de

desaparecer no mundo do social, da pesquisa, das formas de produção de conhecimento, também há algumas espécies em vias de extinção. Para nós, a sistematização de experiências é uma espécie em vias de extinção, porque a universidade clássica e moderna se encarregou muito de desprestigiar-la como modalidade de investigação, desvalorizá-la, estigmatizá-la, etiquetá-la (...). A metodologia tem que se fortalecer, sobreviver e se proteger nos movimentos sociais, e que os movimentos sociais proponham à academia novas formas de vincular-se a partir da sistematização (SOUZA, 2021, p. 21)

Assim como na proposta e nos escritos de Jara-Holliday, a comunicação de aprendizagens também é bastante valorizada pela escola descrita. Para as organizações sociais, o convite é que esse passo seja feito com base nas linguagens utilizadas pelo grupo. Por exemplo, se um coletivo trabalha com audiovisual, o incentivo é que ele faça a comunicação de aprendizagens por meio de vídeos e materiais transmídia; se a linguagem mais utilizada é a fotografia, propõe-se que as aprendizagens da sistematização também sejam comunicadas com imagens. Teatro, trabalhos em murais, intervenções em espaços públicos, livros ou cartilhas, informes de investigação, mapas conceituais, artigos científicos, fanzines, panfletos, séries de infografia em redes sociais e performances são outros exemplos de estratégias de comunicação de aprendizagens na sistematização de experiências.

Na Escola de Sistematização de Experiências Vivas, os livros e cartilhas são exemplos de práticas de comunicação de aprendizagens. Uma das iniciativas, publicada em 2020, consistiu em um dicionário colaborativo, redigido tanto por organizações sociais, como por pesquisadores acadêmicos, com verbetes sobre bem-viveres, território, comunicação, diálogos de saberes e coprodução de conhecimentos. Por exemplo, a respeito dos bem-viveres em territórios rurais, a Asociación Probivir mencionou a relevância da escuta, da consideração do trabalho como felicidade, reciprocidade, fortalecimento da identidade cultural, escuta dos mais velhos, importância da moderação no consumo do álcool, cultivar valores e princípios da vivência harmônica, bem como o cuidado com os bens comuns: água, florestas, sementes e o clima – e o incentivo à educação para o bem-viver (AGUDELO LÓPEZ et al., 2020b). Em outros verbetes, a desaceleração é apontada como um dos princípios do bem-viver.

À guisa de considerações finais, sistematizar e comunicar para os bem-viveres trata-se de um exercício epistemológico e político para organizações sociais, uma prática constante de pesquisa-ação para a Academia e um desafio desierarquizado e coletivo de coprodução de saberes a partir das práticas na América Latina.

REFERÊNCIAS

ACOSTA VALENCIA, Gladys Lucia; TAPIAS HERNÁNDEZ, César A. **El diálogo de saberes en comunicación o el giro del pensamiento y de la acción en las prácticas de comunicación para la movilización y el cambio social** In: ACOSTA VALENCIA, Gladys L.; PINTO ARBOLEDA, María C.; TAPIAS HERNANDEZ, César A. (orgs.). **Diálogo de Saberes en Comunicación: Colectivos y Academia**. Medellín: Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016.

ACOSTA, Alberto. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. S.l.: Autonomia Literaria; Elefante Editora, 2016.

AGUDELO LÓPEZ, Alexandra et al.. **Metodologías de sistematización de experiencias**. Medellín: UNAULA; POMOTE; Universidad de Antioquia, 2020. Disponível em: <<https://pomoteestudios.unaula.edu.co/2021/02/01/metodologias-de-sistematizacion-de-experiencias/>>. Acesso em: 15 jul. 2022. (2020a)

AGUDELO LÓPEZ, Alexandra et al.. **Minga de pensamiento polifónico: diccionario colaborativo**. Medellín: UNAULA, 2020. (2020b)

AMADOR, Juan Carlos; MUÑOZ GONZÁLEZ, Germán. Comunicación-Educación en Abya Yala: lo popular en la reconfiguración del campo. **Nomadas**, n. 49, out. 2018, Universidad Central, p. 47-67. Disponível em: <<http://nomadas.ucentral.edu.co/index.php/revista-nomadas/convocatoria-nomadas/2488-tramas-contemporaneas-en-comunicacion-educacion-nomadas-49/1-contemporaneidad-y-movimientos-del-campo-comunicacion-educacion/999-comunicacion-educacion-en-abya-yala-lo-popular-en-la-reconfiguracion-del-campo>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

ALMEIDA,, D. M. de M.. Entre ações coletivas e subjetividade: o caráter educativo dos movimentos sociais. **EccoS – Rev. Cient.**, v. 11, n. 1, p. 141-156, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71512097008.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ANJOS, L. R. A. dos; MAIA, T. de C.; QUEIROZ, P. H. da S.; GUIMARÃES, F. S. de; CAMPOS, R. A.; CARDOSO, T. F.; SOUSA, W. L. de. Origem e histórico da "Rede Nós de Água": pesquisa, ensino e extensão participativa em conservação de recursos hídricos sob a perspectiva agroecológica. **Revista ELO – Diálogos em Extensão**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2018. DOI: 10.21284/elo.v7i1.323. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/1250>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro; SAEZ-BAEZA, Chiara. Comunicación y buen vivir: La crítica descolonial y ecológica a la comunicación para el desarrollo y el cambio social. **Palabra Clave**, Chia , v. 18, n. 1, p. 41-82, Jan. 2015 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-82852015000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 20 July 2022. <https://doi.org/10.5294/pacla.2015.18.1.3>.

BELMONTE, Maurício Mendes; JUNIOR GONÇALVES, Luiz. Fútbol callejero: nascido e criado no Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra , n. 116, p. 155-178, set. 2018 .

Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-74352018000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 dez. 2020.
<http://dx.doi.org/10.4000/rccs.7403>.

DUTRA, Renata Queiroz; COELHO, Ilana Barros. “Eles pensam que a gente é invisível”: gênero, trabalho terceirizado e educação jurídica popular. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, 2020, p.2359-2385. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/44987/32995>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys; GÓMEZ CORREAL, Diana; OCHOA MUÑOZ, Karina. Apertura In: ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys; GÓMEZ CORREAL, Diana; OCHOA MUÑOZ, Karina. (Eds.). **Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia y apuestas descoloniales em AbyaYala**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

EXPERIENCIAS VIVAS. **Versiones anteriores**. 2019. Disponível em: <https://pomotecestudios.unaula.edu.co/experiencias-vivas-escuela-sistematizacion-conocimientos-locales/versiones-antiores-escuela-sistematizacion-experiencias-vivas/segunda-cohorte-diplomado-para-la-investigacion-y-la-sistematizacion-de-conocimientos-locales/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FIGUEROA TAUCÁN, Iv-n. ¡Por una Educación No Sexista en la Patagonia! Aprendizajes desde la agitación política protagonizada por estudiantes de Educación Media de la Región de Magallanes y la Antártica Chilena. **Trenzar - Revista de Educación Popular, Pedagogía Crítica e Investigación Militante**, n. 4, set. 2020, p. 63-76. Disponível em: <https://revista.trenzar.cl/index.php/trenzar/article/view/75/53>. Acesso em: 08 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIUGLIANI, Camila et al . A escola como espaço de participação social e promoção da cidadania: a experiência de construção da participação em um ambiente escolar. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 44, n. spe1, p. 64-78, 2020 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042020000500064&lng=en&nrm=iso>. access on 28 dez. 2020. Epub Aug 17, 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020s105>.

GÓMEZ-NUÑEZ, Julissa et al . Construcción social de la soberanía alimentaria por la organización campesina OCEZ-CNPA en Chiapas, México. **Estud. soc. Rev. aliment. contemp. desarro. reg.**, Hermosillo , v. 29, n. 54, e19799, dic. 2019 . Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2395-91692019000200108&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 22 dez. 2020. Epub 30-Abr-2020. <https://doi.org/10.24836/es.v29i54.799>.

JARA HOLLIDAY, Oscar. Aportes de los procesos de Educación Popular a los procesos de cambio social In: GUELMAN, Anahí; CABALUZ, Fabián; SALAZAR, Mónica (orgs.). **Educación Popular y Pedagogías Críticas en América Latina y Caribe: corrientes emancipatorias para la educación pública del Siglo XXI**. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181113022418/Educacion_popular.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2018.

JARA HOLLIDAY, Oscar. **El aporte de la sistematización a la renovación teórico-práctica de los movimientos sociales**. 1998. Disponível em:

<http://centroderecursos.alboan.org/sistematizacion/es/registros/5774-el-aporte-de-la>. Acesso em: 20 jan. 2021.

JARA HOLLIDAY, Oscar. **El aporte de la sistematización a la renovación teóricas praticas de los movimientos sociales**. S. Jose: Alforja, 1998.

JARA HOLLIDAY, Oscar. La sistematización de experiencias. Entrevista con Oscar Jara Holliday. **Revista Perspectiva: Estudios Sociales y Educación Cívica**, n. 18, jan.-jun. 2019, p. 1-18. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/perspectivas/article/view/12126/16797>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

JARA HOLLIDAY, Oscar. “La sistematización de experiencias produce un conocimiento crítico, dialógico, transformador”. **Revista Docencia**, n. 55, mai. 2015. Disponível em: <<http://www.cepalforja.org/sistem/bvirtual/wp-content/uploads/2015/06/Entrevista-Oscar-Jara-Revista-Docencia.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

JARA HOLLIDAY, Oscar. **La sistematización de experiencias, práctica y teoría para otros mundos posibles**. San José, C.R.: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, CEAAL, Intermon Oxfam, 2012.

LÓPEZ-BOLAÑOS, Lizbeth; CAMPOS-RIVERA, Marisol; VILLANUEVA-BORBOLLA, María Ángeles. Compromiso y participación comunitaria en salud: aprendizajes desde la sistematización de experiencias sociales. **Salud pública Méx**, Cuernavaca , v. 60, n. 2, p. 192-201, abr. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342018000200022&lng=es&nrm=iso>. accedido en 14 feb. 2021. <https://doi.org/10.21149/8460>.

MARTINEZ-GOMEZ, Nicolás. Retos y aprendizajes de la sistematización de experiencias de educación popular. El caso de la Pre-Universidad Tunjuelo Popular en Bogotá. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 24, e240064, 2019 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782019000100243&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 dez. 2021. Epub Dec 05, 2019. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782019240064>.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 17, n. 4, p. 758-764, Dez. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.

MORAES, Maíra Carvalho de. A sistematização de experiências na prática: a pesquisa sobre a história da ocupação o bairro Vila Operária III, em Guarulhos (SP). **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 11, n. esp, p. 52-63, 2018. DOI: 10.11606/extraprensa2018.145259. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/145259>. Acesso em: 7 jan. 2021.

MOTA, João Colares da; STRECK, Danilo R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, v. 35, n. 78, p. 207-223, nov.-dez. 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/1550/155062213012/155062213012.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ORTIZ, Diana; SALAMANCA, Carlos; Verónica TORRAS. Memoria, verdad y justicia en el territorio 11. Desafíos en la politización del exilio colombiano. **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 143, 2020, on-line. Disponível em: <<https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4239/3294>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PAIVA, Jane; HADDAD, Sérgio; SOARES, Leôncio José Gomes. Pesquisa em educação de jovens e adultos: memórias e ações na constituição do direito à educação para todos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, e240050, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782019000100305&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 dez. 2020. Epub Oct 14, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782019240050>.

POMOTE. **Informe de Gestión 2021**. Disponível em: https://unaulaedu-my.sharepoint.com/personal/pomotecestudios_unaula_edu_co/_layouts/15/onedrive.aspx?id=%2Fpersonal%2Fpomotecestudios%5Funaula%5Fedu%5Fco%2FDocuments%2FMicrositio%2FPublicaciones%2F202112%5FDossier%5FInforme%5Fde%5FGestion%5FPomote%5FCentro%5FEstudios%5FPoblaciones%5FMovilizaciones%5Fy%5FTerritorios%2Epdf&parent=%2Fpersonal%2Fpomotecestudios%5Funaula%5Fedu%5Fco%2FDocuments%2FMicrositio%2FPublicaciones&ga=1. Acesso em: 20 jul. 2022.

PULIDO-MUÑOZ, Lyda Constanza. Contribución a la paz en Colombia desde las prácticas y sentidos de paz desarrollados por la Ecoaldea Varsana en asociación con la red del pacto mundial consciente. **Aleth. rev. desarro. hum. educ. soc. contemp.**, Bogotá, v. 10, n. 2, p. 214-237, Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2145-03662018000200214&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 dez. 2020.

QUIROGA DÍAZ, Natália. Economía del cuidado. Reflexiones para un feminismo decolonial. In: ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys; GÓMEZ CORREAL, Diana; OCHOA MUÑOZ, Karina. (Eds.). **Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em AbyaYala**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

SOUZA, Juliana Salles de. Como sistematizar nossas experiências? **Central Periférica**, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.observatorio-periferias.com/files/ugd/8bf3aa_582884774fdb4a5a8c11d81b51bee9d6.pdf. Acesso em: 19 jul. 2022.

SOUZA, Juliana Salles de. **Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação popular e periférica em São Paulo e Medellín**. Dissertação (Mestrado). Programa Interunidades de Integração da América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2019, 454f. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-24052019-122218/es.php>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

TORRES CASTILLO, Alfonso. Investigar los movimientos sociales desde los bordes de la Universidad. **Kavilando**, Medellín, v. 11, n. 21, jul. dez. 2019. Disponível em: <<https://www.kavilando.org/revista/index.php/kavilando/article/view/353/314>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

VALDES RAMOS, Yemmi; DIEZ MINIET, Javier; HERRERA BARREDA, Dagmar. San Cristóbal en pantalla propia. Implementación del Modelo de Televisión Local para el desarrollo territorial en San Cristóbal, Artemisa. **ARCIC**, La Habana, v. 8, n. 20, p. 52-63, agosto 2019. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2411-99702019000200052&lng=es&nrm=iso>. Disponível em: 27 dez. 2020. Epub 01-Jun-2019.

VILLA-HOLGUIN, Edison. La sistematización de experiencias, una estrategia de la investigación anti-hegemónica. **Ágora U.S.B.**, Medellín , v. 19, n. 2, p. 547-557, Dec. 2019 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-80312019000200547&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.21500/16578031.4389>.